



CRIANDO ESPAÇOS DE DISCUSSÃO SOBRE EDUCAÇÃO FORMAL EM AGROECOLOGIA

O I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (I SNEA) dedicou-se à reflexões sobre Educação Formal em Agroecologia e teve como objetivo geral “Propor princípios e diretrizes para a Educação em Agroecologia no Brasil”. Também teve como objetivos debater sobre temas relativos à interface da Agroecologia com outras áreas do conhecimento; identificar experiências de Educação em Agroecologia no Brasil; dar visibilidade às diversas iniciativas de Educação com enfoque agroecológico; promover a troca de experiências sobre Educação em Agroecologia e; oferecer subsídios para a atuação do GT de Educação em Agroecologia da ABA-Agroecologia.

Para enfrentar este desafio, foi feito um esforço para organizar um seminário com uma abordagem metodológica participativa envolvendo o maior número de educadores, educadoras, estudantes e representantes de instituições atuantes em experiências concretas de Educação Formal em Agroecologia no ensino, na pesquisa e na extensão espalhadas por todas as partes do país, de diferentes áreas do conhecimento e com diferentes institucionalidades e orientações político-pedagógicas.

Não queríamos realizar um seminário normatizador, mas sim, criar um espaço rico de encontros, onde as reflexões deveriam surgir da prática concreta dos sujeitos envolvidos em experiências de Educação Formal em Agroecologia espalhadas por todo o país.

Durante a preparação do Seminário e durante sua realização, assumiu-se que não havia um consenso sobre como deve ser a Educação Formal em Agroecologia no Brasil e, a partir de um conceito amplo, considerou-se que não deveríamos buscar um curso ideal, com currículo e métodos predefinidos. Partiu-se da ideia que a Educação Formal em Agroecologia pode acontecer em diferentes espaços e ações educativas. Assim, considerou-se que uma experiência de Educação Formal em Agroecologia acontece nos seguintes âmbitos:

- cursos de nível médio e superior (técnicos, tecnólogos, bacharelados, licenciaturas e pós-graduação) com ênfase em Agroecologia ou com enfoque agroecológico;
- cursos de nível médio e superior (técnicos, tecnólogos, bacharelados, licenciaturas e pós-graduação) em Agroecologia;
- disciplinas de Agroecologia ou com enfoque agroecológico em diferentes cursos;
- atividades extra-curriculares desenvolvidas em instituições de ensino que enriquecem processos de ensino-aprendizagem em Agroecologia protagonizadas por grupos e núcleos de pesquisa e extensão universitária com relação com comunidades rurais;
- grupos de Agroecologia ou de temas afins protagonizados pelos estudantes.

Estas experiências podem acontecer em instituições de ensino como universidades e instituições de educação profissionalizante públicas, privadas e comunitárias, incluindo aquelas dos movimentos sociais, os Centros de Formação Familiar por Alternância e as experiências de educação contextualizada.

Também considerou-se outras organizações que trabalham e/ou mantêm parceria com instituições de Educação Formal (organizações não-governamentais, dos movimentos sociais, redes e da Articulação Nacional de Agroecologia).

Assim, o I SNEA teve caráter nacional e participaram 170 educadores/as, estudantes e gestores/as, de instituições de ensino superior e de ensino tecnológico (federais e estaduais), organizações de educação dos movimentos sociais, organizações governamentais federais e estaduais e organizações não-governamentais de vários estados brasileiros¹ (Ver lista de participantes).

Como as vagas eram limitadas, priorizou-se a participação de pessoas envolvidas diretamente nas experiências concretas e que deveriam ser ao mesmo tempo os autores de textos na forma de relatos ou artigos. Assim, participaram do processo 84 experiências, das quais, 60

¹ Os participantes tinham o seguinte perfil: 65 professores, 78 estudantes, 27 técnicos, sendo 78 mulheres e 92 homens.





foram selecionadas e apresentadas. Estas mobilizaram 105 participantes/autores² que vinham de instituições de ensino das seguintes regiões e estados: Centro-oeste (DF e GO), Nordeste (BA, CE, MA, PB, PE, SE), Norte (PA), Sul (PR e RS) e Sudeste (ES, MG, RJ, SP). A maior parte das experiências apresentadas foram de universidades federais das regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Também foram convidadas 65 pessoas envolvidas em experiências educativas de Agroecologia existentes em todo o país, vindas de organizações governamentais estaduais e federais, instituições de ensino superior, federais e estaduais, instituições de ensino tecnológico federais e estaduais e organizações não-governamentais, das seguintes regiões e estados: Centro-oeste (DF, MS), Nordeste (BA, PB, PE), Sul (SC, RS), Norte (AM) e Sudeste (MG, RJ, SP).

A programação do evento foi a seguinte:

DIA 03 DE JULHO
Abertura – Maria Virginia de Almeida Aguiar – NAC/UFRPE/ABA
Apresentação - A ABA e a Educação em Agroecologia - Irene Cardoso e Paulo Petersen – ABA Agroecologia
Conferência I – Diálogos sobre Educação Popular e Agroecologia - Carlos Rodrigues Brandão – UNICAMP Mediador: Francisco Roberto Caporal/NAC-UFRPE
Mesa Redonda I - Complexidade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e a Educação em Agroecologia - Américo Sommerman – CETRANS/USP - Carlos Rodrigues Brandão – UNICAMP - Dirce Encarnacion Tavares – GEPI-PUC/SP Mediador: João Carlos Costa Gomes - Embrapa Clima Temperado
Mesa Redonda 2 - Formação e perfil profissional em Agroecologia e as demandas da sociedade brasileira - Alexandre Henrique Bezerra Pires - Centro Sabiá - Aparecida do Carmo Lima – MST - Valdo José Cavallet - UFPR Litoral Mediador: Jorge Roberto Tavares de Lima – UFRPE/NAC
DIA 04 DE JULHO DE 2013 - Grupos de Trabalho e Atividade cultural – Grupo Sagarana – Recife/PE
DIA 5 DE JULHO DE 2013 - Rodas de Diálogo e Encerramento

Durante todo o Seminário procurou-se adotar metodologias participativas para a construção coletiva, o compartilhamento de ideias e a troca de experiências. A proposta metodológica do Seminário envolveu a **identificação e valorização das experiências** concretas de Educação em Agroecologia que vêm sendo construídas no Brasil nos últimos anos através de:

• **6 Grupos de Trabalho (GT)** para a reflexão e compartilhamento de 60 experiências e a construção dos princípios e diretrizes para Educação formal em Agroecologia, a partir das práticas e vivências concretas. Os textos das experiências foram previamente analisados por educadores convidados, de reconhecida atuação com Agroecologia, que prepararam um texto-síntese sobre as experiências a partir de orientações gerais oferecidas pela comissão organizadora (Ver textos nesta publicação). A ideia era que estes educadores nos ajudassem a abstrair os princípios e a diretrizes presentes nas experiências. Não houve apresentação individual dos trabalhos pelos autores, que participaram do GT, contribuindo com o debate. Cada GT apresentou como produto final um conjunto de princípios e diretrizes trabalhados. Esses documentos foram organizados pela comissão organizadora e foi apresentado no final do evento (Ver artigo neste número).

² Cada experiência podia indicar até dois participantes para o Seminário.





• **7 Rodas de Diálogos** (i- Currículo de Educação em Agroecologia baseado na pedagogia de projetos: uma perspectiva interdisciplinar; ii - Núcleos e/ou Grupos de Agroecologia (de ensino, pesquisa e extensão); iii - Perfil e reconhecimento profissional em Agroecologia; iv - Pós-graduação em Agroecologia; v - Grupos de Agroecologia de estudantes: resiliências criativas, empecilhos e contribuições para a educação formal; vi - Diálogos de saberes na Educação em Agroecologia; vii - Educação em Agroecologia e a relação com os movimentos sociais) que propiciaram o diálogo e o intercâmbio entre os participantes e instituições diretamente envolvidos em experiências de Educação em Agroecologia no Brasil. Algumas RDs propuseram questões que foram consideradas na Carta de Maria Farinha e podem ser utilizadas para aprofundamento das discussões.

• **Mapeamento de algumas experiências** de Educação em Agroecologia no sistema virtual Agroecologia em Rede (www.agroecologiaemrede.org.br);

• **Espaço Livre** que foi criado para apresentação de pôsteres de experiências dos participantes de Educação em Agroecologia, com visitação livre durante todo o evento.

• **Conferências e mesas redondas** para o diálogo com profissionais de várias áreas do conhecimento, visando a reflexão e a problematização sobre a Educação em Agroecologia, que trouxeram novas abordagens para a Educação e contribuíram com elementos de reflexão para o debate, como a construção do conhecimento agroecológico, a sociologia e a filosofia da ciência, a pedagogia, a educação popular e a educação do campo;

Construindo os princípios e as diretrizes da Educação em Agroecologia a partir das experiências de educação formal

Para atingir o objetivo geral do Seminário adotamos uma metodologia participativa que propiciasse um processo de construção coletiva dos princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia, à partir das experiências concretas de educação formal espalhadas por todos os estados brasileiros. Partiu-se da ideia de que

Princípios e Diretrizes são um conjunto de orientações e valores abrangentes, fundamentais, definidores e norteadores do rumo a seguir para se colocar em prática um determinado fim.

Os **princípios** de uma Educação em Agroecologia devem ser orientadores para uma tomada de decisão sobre qual caminho seguir visando a realização de uma Educação com enfoque agroecológico, comprometida com a construção de um futuro mais sustentável.

Este caminho, necessariamente, deveria ser orientado pela

Agroecologia, entendida como um “enfoque científico, teórico, prático e metodológico, com base em diversas áreas do conhecimento, que se propõe a estudar processos de desenvolvimento sob uma perspectiva ecológica e sociocultural e, a partir de um enfoque sistêmico, adotando o agroecossistema como unidade de análise, apoiar a transição dos modelos convencionais de agricultura e de desenvolvimento rural para estilos de agricultura e de desenvolvimento rural sustentáveis” (ABA-Agroecologia. Estatuto. Porto Alegre, 2004. p. 1).





A base das reflexões foram os textos apresentados pelos participantes sobre experiências concretas de Educação Formal em Agroecologia que foram convidados a focar pelo menos um dos temas a seguir:

1) Fundamentos para a Educação em Agroecologia

São aqueles elementos que constituem as bases para a compreensão das dimensões do fenômeno da educação em Agroecologia do ponto de vista histórico, filosófico, sociológico, ambiental, psicológico, antropológico, tecnológico, entre outros. Eles trazem à luz os conhecimentos pedagógicos historicamente construídos nesta área e sua reflexão sobre os mesmos, situando os seres humanos como sujeitos que se mobilizam na sua relação com a natureza e na construção de formas sustentáveis de estabelecer esta relação, mediados pelas transformações do mundo e de si mesmos.

Para as experiências que queriam refletir sobre este tema, os textos deveriam buscar as respostas para as seguintes questões orientadoras:

- a) Que valores orientam a experiência?
- b) Que concepções de sociedade, de relação ser humano e natureza e de desenvolvimento ela apresenta?
- c) O que os sujeitos da experiência entendem por Educação em Agroecologia?
- d) Que princípios, conceitos e/ou elementos práticos são considerados no processo de transição agroecológica pela experiência?
- e) Que princípios sociológicos, antropológicos, filosóficos, ecológicos, tecnológicos, entre outros, orientam a experiência?
- f) Que bases teóricas são pilares para a experiência?
- g) Como a experiência reflete e implementa processos de construção do conhecimento?

2) Metodologias de Educação em Agroecologia

Metodologia significa os caminhos e os instrumentos utilizados no ensino para construir conhecimentos. A metodologia não deve ser confundida com métodos, técnicas, atividades e recursos pedagógicos, pois é mais ampla e não se restringe a simples aplicação de uma técnica em determinado momento da prática pedagógica. Envolve uma teia de relações entre educadores e estudantes; estudantes-estudantes; educadores, estudantes, sociedade e meio ambiente, etc; que possibilita a realização do processo ensino-aprendizagem em Agroecologia.

Trabalharemos a metodologia adotada pelas experiências para a formação em Agroecologia a partir das seguintes perguntas orientadoras:

- a) Quais os princípios metodológicos gerais que orientam o fazer cotidiano da experiência?
- b) O que a experiência compreende por metodologia do ensino em Agroecologia?
- c) Quais princípios, valores e fundamentos orientam a prática pedagógica da experiência?
- d) Que diretrizes metodológicas são utilizadas no cotidiano da experiência?
- e) Que métodos, técnicas, atividades, recursos pedagógicos são priorizados no cotidiano da experiência?
- f) Como a construção do conhecimento está presente na metodologia utilizada pela experiência?

Sem ter a pretensão de fazer uma avaliação teórico-metodológica destas experiências, partiu-se da suposição que cada uma delas poderia trazer ricos ensinamentos, por ter, de alguma forma, realizado um questionamento ou mesmo um contraponto à lógica da educação convencional dominante na educação profissional brasileira e à dimensão tecnológica produtivista e insustentável presente neste meio.

Para seleção das experiências adotou-se os seguintes critérios de seleção:

- Abordagem analítica das experiências: reflexão sobre os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia (e não somente abordagens descritivas);





- Diversidade de experiências educativas;
- Experiências educativas que considerassem a diversidade étnica;
- Diversidade regional: as diferentes regiões onde estavam inseridas as experiências;
- Diversidade do perfil institucional das experiências;
- Experiências educativas que articulassem ciência, cultura, experiência e trabalho;
- Experiências protagonizadas por trabalhadores do campo e suas organizações;
- A preocupação com a questão da participação das mulheres e com os temas concernentes às relações de gênero.

Durante as Rodas de Diálogo foram feitas algumas propostas para diferentes atores. São elas:

- Sugerir aos ministérios que os avaliadores de projetos enviados aos editais de Núcleos do CNPq sejam do campo agroecológico;
- Realizar um encontro dos núcleos durante o VIII CBA para o fortalecimento da construção do conhecimento agroecológico, em parceria com a ABA;
- Estabelecer um espaço dentro do Congresso Brasileiro de Agroecologia para discutir o reconhecimento do profissional em Agroecologia, junto com estudantes, profissionais, professores, entre outros; deve ser levado um debate mais amadurecido considerando de onde surge a demanda para esse profissional;
- A discussão do reconhecimento profissional deve ser encaminhada e ampliada pela ABA, com o apoio dos movimentos sociais e os profissionais formados em Agroecologia; realizar atividades de divulgação e elaboração de documentos;
- Os Núcleos de Agroecologia devem procurar realizar atividades de integração, sejam regionais, ou nacionais;
- Que o governo federal mantenha as chamadas públicas, com ações sobre construção do conhecimento agroecológico e intercâmbio entre os núcleos;
- A necessidade da construção das diretrizes Nacionais Curriculares do profissional em Agroecologia e as atribuições técnicas do profissional, com cuidado para não engessar, e não dar margem para os “cursos de Agroecologia fantasmas”.
- Recomendação para que os órgãos públicos abram espaços para os profissionais de Agroecologia, nos editais de concursos públicos.
- Criar um espaço virtual que congregue os interessados no reconhecimento profissional do “agroecólogo” para troca de informações e para iniciar um processo de organização dos profissionais formados em Agroecologia.
- Analisar a melhor estratégia para o reconhecimento profissional do “Agroecólogo”: i) Criação de um conselho próprio; ii) Pressão para que a Agroecologia entre no sistema CREA/CONFEA; iii) Buscar a consolidação da profissão fora do CREA, questionando até que ponto é preciso se ter o reconhecimento deste conselho. Considerar que é possível o exercício da profissão sem esses conselhos, pois tem muitas profissões que ainda não foram regulamentadas.

